

MARABAIXO E PSICOLOGIA COMUNITÁRIA: PRÁTICAS CULTURAIS COMO INTERVENÇÃO PARA A PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL ANTIRRACISTA NO CONTEXTO AMAZÔNICO**MARABAIXO AND COMMUNITY PSYCHOLOGY: CULTURAL PRACTICES AS AN INTERVENTION FOR THE PROMOTION OF ANTIRACIST MENTAL HEALTH IN THE AMAZONIAN CONTEXT****MARABAIXO Y PSICOLOGÍA COMUNITARIA: PRÁCTICAS CULTURALES COMO INTERVENCIÓN PARA LA PROMOCIÓN DE LA SALUD MENTAL ANTIRRACISTA EN EL CONTEXTO AMAZÓNICO**

10.56238/revgeov16n5-294

Cláudio Afonso Soares

Doutor em Psicologia Educacional

Instituição: Centro Universitário FIEO

E-mail: afonsoclaudiosoares@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7173-3517>Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6921313388330437>**Piedade Lino Videira**

Pós-doutorado em Educação Brasileira

Instituição: Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)

E-mail: piedadevideira08@gmail.com

Orcid: 0000-0001-5325-9073

Lattes: 4269580489108934

Arlan Amanajás Pinto

Mestre em Desenvolvimento Regional Instituição:

Instituição: Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)

E-mail: arlan@unifap.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5629-6352>Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8033962161093557>**Rodrigo Maciel Trindade**

Mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura

Instituição: Universidade da Amazônia (UNAMA)

E-mail: rodrigo.trindade@ueap.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-4281-8118>Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7353697010597224>

Adriana Barbosa Ribeiro

Doutora em Psicologia

Instituição: Instituto Federal do Amapá (IFAP)

E-mail: adriana.ribeiro@ifap.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6725-3104>Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6728032631021162>**Geremias Mendes Sousa**

Mestrando em Ciências em Tecnologias Emergentes na Educação

Instituição: Must University

E-mail: psicologo.geremias@gmail.com

Orcid: 0009-0009-9058-2094

Lattes: 5914212087606566

RESUMO

Este artigo analisa o Marabaixo, manifestação cultural afro-amapaense, como intervenção psicossocial e prática antirracista no âmbito da Psicologia Comunitária. A partir de uma revisão narrativa da literatura, foram examinados estudos nacionais e internacionais sobre racismo, saúde mental, cultura e epistemologias negras, articulando-os a pesquisas antropológicas e socioculturais sobre o Marabaixo. Os resultados evidenciam que o racismo constitui um determinante central do sofrimento psíquico de populações afrodescendentes, afetando especialmente crianças, adolescentes e jovens. Em contrapartida, práticas culturais negras emergem como dispositivos coletivos de cuidado, fortalecimento identitário e produção de resiliência. O Marabaixo, ao integrar música, movimento, espiritualidade, ancestralidade e coletividade, opera como tecnologia comunitária de saúde mental, promovendo pertencimento, dignidade e continuidade histórica. Suas dimensões estéticas e afetivas favorecem a elaboração simbólica da dor, a reconstrução da autoestima e o enfrentamento do racismo estrutural. Além disso, o protagonismo feminino das caixearas e a centralidade da memória coletiva reforçam seu caráter político e terapêutico. Conclui-se que compreender o Marabaixo como intervenção psicossocial e antirracista amplia as possibilidades de cuidado em saúde mental, oferecendo subsídios para políticas públicas que valorizem práticas culturais negras como recursos legítimos de promoção da vida, da resistência e da equidade racial.

Palavras-chave: Marabaixo. Psicologia Comunitária. Racismo. Saúde Mental. Epistemologias Negras. Intervenção Psicossocial.

ABSTRACT

This article analyzes Marabaixo, an Afro-Amapense cultural manifestation, as a psychosocial intervention and antiracist practice within the field of Community Psychology. Based on a narrative literature review, national and international studies on racism, mental health, culture, and Black epistemologies were examined and articulated with anthropological and sociocultural research on Marabaixo. The findings show that racism is a central determinant of psychological distress among Afro-descendant populations, particularly affecting children, adolescents, and young people. In contrast, Black cultural practices emerge as collective devices of care, identity strengthening, and resilience-building. Marabaixo, by integrating music, movement, spirituality, ancestry, and community, operates as a community technology of mental health, promoting belonging, dignity, and historical continuity. Its aesthetic and affective dimensions support the symbolic elaboration of pain,



the reconstruction of self-esteem, and the confrontation of structural racism. Furthermore, the central role of women—especially the caixeras—and the prominence of collective memory reinforce its political and therapeutic nature. It is concluded that understanding Marabaixo as a psychosocial and antiracist intervention broadens the possibilities for mental health care, offering guidance for public policies that value Black cultural practices as legitimate resources for promoting life, resistance, and racial equity.

Keywords: Marabaixo. Community Psychology. Racism. Mental Health. Black Epistemologies. Psychosocial Intervention.

RESUMEN

Este artículo analiza el Marabaixo, manifestación cultural afro-amapaense, como intervención psicosocial y práctica antirracista en el ámbito de la Psicología Comunitaria. A partir de una revisión narrativa de la literatura, se examinaron estudios nacionales e internacionales sobre racismo, salud mental, cultura y epistemologías negras, articulándolos con investigaciones antropológicas y socioculturales sobre el Marabaixo. Los resultados evidencian que el racismo constituye un determinante central del sufrimiento psíquico de las poblaciones afrodescendientes, afectando especialmente a niños, adolescentes y jóvenes. En contrapartida, las prácticas culturales negras emergen como dispositivos colectivos de cuidado, fortalecimiento identitario y producción de resiliencia. El Marabaixo, al integrar música, movimiento, espiritualidad, ancestralidad y colectividad, opera como una tecnología comunitaria de salud mental, promoviendo pertenencia, dignidad y continuidad histórica. Sus dimensiones estéticas y afectivas favorecen la elaboración simbólica del dolor, la reconstrucción de la autoestima y el enfrentamiento del racismo estructural. Además, el protagonismo femenino de las caixeras y la centralidad de la memoria colectiva refuerzan su carácter político y terapéutico. Se concluye que comprender el Marabaixo como una intervención psicosocial y antirracista amplía las posibilidades de cuidado en salud mental, ofreciendo subsidios para políticas públicas que valoren las prácticas culturales negras como recursos legítimos de promoción de la vida, la resistencia y la equidad racial.

Palabras clave: Marabaixo. Psicología Comunitaria. Racismo. Salud Mental. Epistemologías Negras. Intervención Psicosocial.



1 INTRODUÇÃO

A Psicologia Comunitária parte do princípio de que os processos de saúde e adoecimento são indissociáveis das condições históricas, políticas e culturais que estruturam a vida coletiva, compreensão amplamente defendida na literatura internacional por autores como Prilleltensky (2020), ao enfatizar que bem-estar e justiça social são inseparáveis; Jason (2019), ao situar a saúde em diálogo direto com os sistemas comunitários e ambientais; e Harvey e Masud (2019), que destacam a influência dos contextos históricos e socioculturais nas formas de sofrimento e resistência coletiva. Assim, compreender o sofrimento psíquico de populações negras no Brasil exige considerar o legado da escravidão, o racismo estrutural e as desigualdades que atravessam suas trajetórias, manifestando-se em índices elevados de pobreza, desemprego, escolarização precária e acesso limitado a direitos sociais básicos (Bezerra & Silva, 2014; Melo & Silva, 2015). Tais desigualdades, além de comprometerem a sobrevivência material, produzem efeitos significativos sobre a saúde mental, reforçando vulnerabilidades e perpetuando ciclos de sofrimento.

Na Amazônia Amapaense que é marcada pela forte presença de comunidades negras urbanas e quilombolas, essas desigualdades adquirem contornos ainda mais complexos. O Estado do Amapá conta com número reduzido de equipamentos de saúde mental — apenas seis Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) em 2024 —, o que é insuficiente diante da crescente demanda por cuidados psicossociais (Brasil, 2024). Ao mesmo tempo, dados nacionais revelam que o Brasil possui algumas das maiores prevalências de depressão e ansiedade da América Latina (OMS, 2017), cenário que se agrava no contexto amapaense, onde estudos recentes indicam que adolescentes vivenciam sintomas frequentes de tristeza, angústia, estresse, baixa autoestima e desesperança, frequentemente vinculados às desigualdades raciais e sociais (Amapá, 2023).

A vivência cotidiana do racismo no Amapá não afeta apenas o bem-estar psicológico individual; ela também fragiliza vínculos comunitários, desorganiza redes de apoio e compromete o sentimento de pertencimento, conforme apontam estudos que analisam os efeitos coletivos da discriminação racial sobre a saúde e a coesão social (Williams & Mohammed, 2010; Paradies *et al.*, 2015). Diante desse quadro, torna-se fundamental pensar estratégias de cuidado ancoradas nas próprias formas de organização e resistência das comunidades negras, valorizando saberes locais, espiritualidades, memórias e práticas culturais que historicamente sustentam processos de resiliência (Hooks, 1994; Munanga, 2014; Kirmayer, 2014; Santos & Pereira, 2019).

É nesse horizonte que se insere o Marabaixo, manifestação cultural afro-amapaense que articula dança, canto, ladinhas, religiosidade e ancestralidade. Mais do que uma celebração, o Marabaixo constitui um espaço de encontro, troca de saberes e reafirmação identitária (Videira, 2020). Em sua prática estão presentes elementos centrais da Psicologia Comunitária: a construção de redes de solidariedade, o fortalecimento do pertencimento e a ressignificação coletiva das experiências de



opressão, aspectos evidenciados por estudos que analisam o Marabaixo como espaço de memória e fortalecimento comunitário (Nascimento & Oliveira, 2019). Ao atualizar a memória de resistência dos antepassados, o Marabaixo se afirma como uma verdadeira tecnologia cultural de vida, dignidade e continuidade histórica, tal como argumentam autores que o compreendem como ritual de resistência e afirmação identitária afro-amapaense (Cardoso & Silva, 2020).

Considerando esse contexto, este artigo propõe analisar o Marabaixo como uma manifestação cultural que ganha contorno de intervenção psicossocial e prática antirracista no campo da Psicologia Comunitária, destacando seu potencial para minimizar os impactos do racismo sobre a saúde mental de comunidades afrodescendentes do Amapá. Defende-se que práticas culturais enraizadas na ancestralidade funcionam como dispositivos de cuidado coletivo e de resistência política, oferecendo repertórios de cura, identidade e fortalecimento comunitário. Ao integrar cultura e Psicologia Comunitária, este estudo busca contribuir para a construção de estratégias de cuidado que reconheçam a potência dos saberes tradicionais como recursos centrais para a promoção da saúde mental e da equidade racial no Brasil.

2 METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma revisão narrativa da literatura, orientada pelo campo da Psicologia Comunitária e pelos estudos críticos em saúde mental e relações raciais. A opção por uma revisão narrativa justifica-se pela necessidade de articular, de forma ensaística e interpretativa, diferentes campos de conhecimento – psicologia, antropologia, história, educação, estudos culturais e decoloniais – para compreender o Marabaixo como prática cultural e intervenção psicossocial antirracista, conforme recomenda a literatura metodológica que destaca o caráter integrativo, reflexivo e ampliado desse tipo de revisão (Rother, 2007; Baumeister & Leary, 1997; Green, Johnson & Adams, 2006).

Mais do que mapear exaustivamente toda a produção existente, a proposta foi construir uma leitura crítica e reflexiva sobre como o racismo impacta a saúde mental de populações afrodescendentes e de que maneira práticas culturais, em especial o Marabaixo no Amapá, podem funcionar como dispositivos de cuidado coletivo, resistência e fortalecimento identitário.

2.1 PROCEDIMENTOS DE BUSCA E SELEÇÃO DO MATERIAL

A seleção do material bibliográfico foi realizada de forma intencional e criteriosa, que contemplou produções que dialogassem diretamente com três eixos centrais:

1. Racismo e saúde mental em populações negras;
2. Psicologia Comunitária e intervenções culturais no campo da saúde mental coletiva;



3. Marabaixo e cultura afro-amapaense, com foco em identidade, memória, resistência e territorialidade.

Foram consultadas, de maneira articulada, fontes acadêmicas e institucionais, incluindo artigos científicos, livros, dissertações, relatórios e documentos de órgãos oficiais. As buscas foram feitas, sobretudo, em bases como SciELO, Periódicos CAPES, Google Scholar e repositórios de universidades, além de obras de referência em formato de livro, consideradas fundamentais para o debate sobre cultura negra, ancestralidade e racismo.

Como critério geral, privilegiaram-se textos:

- ✓ publicados, majoritariamente, entre 2000 e 2025, sem excluir obras clássicas anteriores consideradas fundamentais para o embasamento teórico (por exemplo, estudos de referência sobre cultura, identidade, racismo e psicologia comunitária);
- ✓ escritos em português e/ou inglês;
- ✓ que abordassem pelo menos um dos seguintes eixos:
 - a) impactos do racismo na saúde mental;
 - b) práticas culturais negras como forma de resistência, cuidado ou promoção de saúde;
 - c) análises históricas, etnográficas ou culturais sobre o Marabaixo e o contexto afro-amapaense.

Materiais que tratavam de manifestações culturais sem relação com a temática racial, ou textos que mencionavam o Marabaixo apenas de modo descriptivo, sem articulação com identidade, resistência ou saúde, foram considerados secundários e utilizados apenas quando contribuíam para a contextualização histórica e cultural.

Por se tratar de uma revisão narrativa, não se pretendeu exaurir toda a produção sobre o tema, mas sim compor um corpus teórico coerente com o objetivo do estudo, permitindo uma análise aprofundada e situada da articulação entre racismo, saúde mental, psicologia comunitária e Marabaixo.

2.2 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

A análise do material selecionado foi conduzida de forma qualitativa, interpretativa e temática, inspirada nos princípios da Psicologia Comunitária e dos estudos culturais. O processo envolveu:

1. Leitura comprehensiva dos textos, com atenção especial às passagens que discutiam:
 - ✓ os efeitos psicossociais do racismo;
 - ✓ o papel das práticas culturais negras na produção de saúde e pertencimento;
 - ✓ os significados do Marabaixo para as comunidades afrodescendentes do Amapá.
2. Organização do material em eixos temáticos, que posteriormente estruturaram a revisão de literatura por meio de uma síntese integrativa, em que se desenvolveu uma articulação crítica



entre os textos, buscando identificar convergências, tensões e silenciamentos na produção acadêmica sobre racismo, saúde mental e práticas culturais negras, com especial atenção ao lugar ocupado (ou não) pelo Marabaixo nesse debate. E também a construção de uma síntese interpretativa, na qual o Marabaixo é compreendido como dispositivo psicossocial comunitário, articulando memória, ancestralidade, espiritualidade e resistência política frente ao racismo estrutural, e por fim se estruturou do seguinte modo:

- ✓ racismo, saúde mental e comunidades afrodescendentes;
- ✓ psicologia comunitária e intervenções culturais;
- ✓ cultura, identidade e resistência afro-brasileira;
- ✓ o Marabaixo no contexto amapaense;
- ✓ o Marabaixo como intervenção psicossocial e prática antirracista;
- ✓ lacunas e perspectivas para pesquisas futuras.

Dessa forma, a metodologia adotada não se restringe a uma sistematização técnica de dados, mas se orienta por uma perspectiva crítico-comunitária e decolonial, que reconhece a centralidade dos saberes produzidos pelas próprias comunidades negras e pelas tradições culturais afro-amapaenses na construção de práticas de cuidado e promoção de saúde mental antirracista.

3 REVISÃO DE LITERATURA

A presente revisão de literatura está organizada a partir dos eixos temáticos identificados durante a leitura interpretativa e qualitativa do material selecionado, conforme os procedimentos descritos na metodologia. Esses eixos não foram definidos previamente, mas emergiram do diálogo crítico entre os estudos sobre racismo, saúde mental, psicologia comunitária, práticas culturais negras e produções específicas sobre o Marabaixo.

Como se trata de uma revisão narrativa, o objetivo não é apresentar uma sistematização exaustiva da produção acadêmica, mas construir uma compreensão integrada que articule dimensões históricas, culturais, políticas e psicossociais relacionadas à experiência negra no Amapá. Assim, a literatura foi organizada em seis eixos principais:

1. Racismo, saúde mental e comunidades afrodescendentes – aborda o racismo como determinante social da saúde, destacando seus efeitos psicossociais em crianças, adolescentes e adultos negros.
2. Psicologia Comunitária e intervenções culturais – discute o papel das práticas comunitárias e culturais nos processos de cuidado coletivo, autonomia e fortalecimento identitário.
3. Cultura, identidade e resistência afro-brasileira – apresenta a ancestralidade, a construção identitária e a resistência cultural como elementos centrais das práticas negras no Brasil.



4. O Marabaixo no contexto amapaense – descreve a tradição, a história, a territorialidade e os significados socioculturais do Marabaixo.
5. Marabaixo como intervenção psicossocial e antirracista – analisa o Marabaixo como prática de cuidado coletivo, fortalecimento da autoestima, dispositivo terapêutico e forma de enfrentamento ao racismo.
6. Lacunas e perspectivas para pesquisas futuras – sintetiza limitações da produção científica e indica caminhos de investigação.

A partir desses eixos, a revisão integra autores clássicos e contemporâneos, evidenciando como o Marabaixo, enquanto prática cultural afro-amapaense, pode ser compreendido como estratégia comunitária de promoção de saúde mental, resiliência, memória e resistência ao racismo estrutural.

3.1 RACISMO, SAÚDE MENTAL E COMUNIDADES AFRODESCENDENTES

O racismo constitui um dos mais persistentes mecanismos de desigualdade social e seus efeitos extrapolam a esfera econômica, impactando profundamente a saúde mental de populações negras. Williams e Mohammed (2010) demonstram que o racismo opera tanto na reprodução de desigualdades estruturais quanto no comprometimento direto do bem-estar psicológico, ao produzir estresse contínuo, vigilância emocional e desgaste psicofisiológico. Na mesma direção, Krieger (2014) evidencia que o racismo funciona como um determinante biológico e psicossocial que atravessa toda a trajetória de vida das populações negras, influenciando condições de saúde, experiências subjetivas e processos de adoecimento.

Além disso, Jones (2000) descreve como os níveis estrutural, institucional e internalizado do racismo moldam oportunidades, expectativas sociais e vivências emocionais, contribuindo para o sofrimento psíquico e a ruptura de vínculos comunitários. Complementarmente, o modelo proposto por Ford e Airhihenbuwa (2010) reforça que as desigualdades raciais em saúde resultam de processos históricos e sociopolíticos que produzem sofrimento, ampliam vulnerabilidades e afetam redes de apoio coletivas, evidenciando a necessidade de compreender o racismo como determinante central da saúde mental.

A literatura evidencia que a discriminação racial funciona como estressor psicossocial crônico, capaz de gerar ansiedade, depressão, baixa autoestima e desorganização identitária (Paradies *et al.*, 2015). No Brasil, Gouveia e Zanello (2018) apontam que, apesar do avanço das pesquisas, os impactos do racismo na saúde mental ainda são insuficientemente considerados nas políticas públicas, o que amplia a vulnerabilidade de crianças, adolescentes e adultos negros.

Crianças e jovens configuram grupo de altíssima sensibilidade aos efeitos do racismo. Priest *et al.*, (2013) argumentam que a exposição precoce à discriminação compromete o desenvolvimento



socioemocional, interfere no desempenho escolar e alimenta trajetórias de exclusão. Complementarmente, Gee *et al.*, (2012) destacam que experiências reiteradas de racismo são biologicamente incorporadas, afetando processos neuropsicológicos e aumentando a predisposição a transtornos mentais ao longo da vida.

Outro aspecto relevante é o processo de embranquecimento simbólico, que induz sujeitos negros a rejeitarem sua identidade racial como estratégia de sobrevivência em uma sociedade hegemônica e excludente. Piza (2014) enfatiza que essa dinâmica produz danos subjetivos profundos, reforçando sentimentos de inferioridade e fragilidade identitária. Assim, o racismo não se limita a agressões externas: ele atravessa a formação da subjetividade, tornando-se fonte potente de sofrimento psíquico.

3.2 PSICOLOGIA COMUNITÁRIA E INTERVENÇÕES CULTURAIS

A Psicologia Comunitária compreende o sofrimento humano como um fenômeno inseparável das condições históricas, políticas e culturais que moldam a vida das pessoas. Para Montero (2006), sua tarefa é promover transformação social por meio do fortalecimento da autonomia coletiva, da participação democrática e da construção de redes de apoio. Pesquisas internacionais recentes reforçam essa compreensão: Prilleltensky (2021) destaca que bem-estar, justiça social e saúde comunitária só podem ser entendidos a partir das estruturas de poder que moldam a vida cotidiana; Reich (2022) demonstra que redes de apoio, sistemas comunitários e dinâmicas coletivas são determinantes centrais para o desenvolvimento humano e para a proteção frente a contextos de vulnerabilidade. Ao lado, Jason (2021) evidencia que participação comunitária, empoderamento e engajamento social são pilares essenciais para enfrentar desigualdades estruturais e produzir saúde em contextos marcados por opressões históricas..

Nesse campo, a cultura torna-se recurso central na produção de saúde e resistência. Hall (1997) concebe a cultura como espaço de disputa e afirmação identitária, onde grupos subalternizados elaboram narrativas que desafiam o poder hegemônico. Eagleton (2000) reforça que a cultura não é neutra, mas cenário de tensões entre dominação e resistência.

Estudos evidenciam que práticas culturais afro-brasileiras — como samba de roda, jongo, maracatu e capoeira — funcionam como suportes psicossociais, promovendo autoestima, pertencimento e resiliência (Ferreira & Almeida, 2020). Kirmayer (2014) destaca que rituais coletivos permitem ressignificar a dor, favorecendo o enfrentamento de traumas e adversidades.

Assim, no âmbito da Psicologia Comunitária, práticas culturais são compreendidas como estratégias coletivas de cuidado, resistência e produção de saúde, pois articulam memória, ancestralidade, território, espiritualidade e solidariedade, constituindo-se como dispositivos simbólicos capazes de reorganizar a vida social e subjetiva frente às violências estruturais. Segundo Kirmayer



(2014), práticas culturais operam como “ecologias de cura”, ativando narrativas, rituais e vínculos comunitários que ampliam a capacidade de enfrentamento do sofrimento e restauram a continuidade das pessoas com sua história e seu grupo. Nessa mesma direção, Nelson e Prilleltensky (2021) destacam que práticas culturais fortalecem o empoderamento coletivo, promovendo agência, participação e justiça social, ao mesmo tempo em que desconstroem discursos hegemônicos que inferiorizam populações racializadas.

Para Campbell e Jovchelovitch (2000), a cultura constitui um reservatório de significados compartilhados capaz de sustentar identidades, elaborar traumas e manter a coesão comunitária, especialmente em contextos marcados por desigualdades e opressões. Montero (2006), ao discutir a Psicologia Comunitária latino-americana, enfatiza que práticas culturais são formas de “ação comunitária simbólica”, responsáveis por renovar sentidos de pertencimento, afirmar modos próprios de existir e resistir às lógicas coloniais que historicamente deslegitimam saberes de grupos subalternizados. Complementarmente, Gomes (2017) evidencia que as expressões culturais negras funcionam como potentes tecnologias antirracistas ao ativarem a ancestralidade, produzirem reconhecimento positivo e reforçarem trajetórias de luta coletiva.

Desse modo, a prática cultural não é apenas uma manifestação estética ou folclórica: ela é uma forma de cuidado comunitário, uma matriz ética e política de enfrentamento da violência racial, e um espaço de elaboração simbólica que ressignifica o sofrimento e projeta futuros possíveis. Em comunidades negras amazônicas, como no caso do Marabaixo, essas práticas operam como estruturas vivas de proteção psicossocial, capazes de produzir coesão, dignidade e resistência histórica frente aos impactos do racismo estrutural e da marginalização territorial.

3.3 CULTURA, IDENTIDADE E RESISTÊNCIA AFRO-BRASILEIRA

A cultura constitui um dos pilares da resistência negra no Brasil. Ao longo da história, práticas culturais afrodescendentes atuaram como mecanismos de preservação da memória coletiva e de reafirmação identitária frente às tentativas de apagamento e violências coloniais. Geertz (1973) entende cultura como sistema simbólico que orienta significados e possibilita reconhecimento mútuo.

Manifestações como candomblé, umbanda, jongo e maracatu carregam dimensões espirituais, estéticas e políticas, funcionando como espaços de cura e organização comunitária (Santos & Pereira, 2019). Sodré (2002) denomina tais espaços de territórios existenciais, onde comunidades negras reconstruem vínculos, reescrevem narrativas e ressignificam experiências de opressão.

A ancestralidade ocupa papel central nesses processos. Munanga (2004) destaca que práticas culturais negras constituem atos de reexistência, pois afirmam identidade, dignidade e continuidade histórica. Gomes (2017) reforça que o diálogo entre passado e presente fortalece sentimentos de pertencimento e resiliência.



Estudos recentes mostram que práticas culturais influenciam de forma positiva a saúde mental. Almeida (2018, 2020) e Silva e Araújo (2021) revelam que rituais coletivos reduzem ansiedade, ampliam autoestima e reforçam coesão comunitária. No plano internacional, hooks (1994) e Yosso (2005) conceituam tais práticas como capital cultural e afetivo, fundamentais ao enfrentamento das desigualdades raciais.

Assim, a cultura negra pode ser compreendida como uma intervenção psicossocial coletiva, pois oferece repertórios simbólicos e materiais para a reconstrução da dignidade e para o enfrentamento das violências do racismo, articulando modos de existência e resistência que se renovam na coletividade (Gilroy, 2001; Hall, 2003; Sodré, 2002; Mbembe, 2018; Gonzalez, 2020).

3.4 O MARABAIXO NO CONTEXTO AMAPAEENSE

Entre as expressões culturais afro-brasileiras, o Marabaixo ocupa posição singular no Amapá, articulando memória, religiosidade, resistência e identidade. Suas raízes remontam ao período escravista, quando populações negras encontraram na música, no canto e na dança formas de preservar histórias e transformar sofrimento em criação (Videira, 2020). Essa trajetória dialoga com a compreensão de Sodré (2002), que interpreta práticas afro-brasileiras como tecnologias simbólicas de existência; com Gomes (2017), que destaca o papel da ancestralidade na construção de identidades negras; e com Cardoso e Silva (2020), que reconhecem o Marabaixo como um ritual de resistência, memória e afirmação coletiva.

Figura 1- Roda de Marabaixo no Barro de Tia Biló- Macapá.



Fonte: IPHAM (2024)

Para Cardoso e Silva (2020), o Marabaixo constitui um ritual de preservação cultural que fortalece vínculos comunitários e garante continuidade às tradições ancestrais. Essa perspectiva converge com Munanga (2014), ao enfatizar que práticas negras são formas de enfrentamento ao racismo e reconfiguração da dignidade coletiva. Ao lado disso, seu caráter espiritual e político é



atravessado pelo sincretismo entre religiosidade católica e ancestralidade africana. As ladinhas e os tambores atualizam memórias coletivas, permitindo que gerações distintas compartilhem pertencimento (Nascimento & Oliveira, 2019).

O protagonismo feminino, representado pelas caixearas, constitui um elemento estruturante do Marabaixo, simbolizando a liderança, a memória e a força política das mulheres negras na preservação e transmissão da tradição (Ribeiro & Souza, 2020). Essa centralidade feminina, que sustenta a continuidade histórica e espiritual da manifestação, dialoga diretamente com o reconhecimento oficial do Marabaixo como Patrimônio Cultural do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN (2018), reafirmando não apenas sua relevância como expressão identitária afro-amapaense, mas também o papel decisivo das mulheres na manutenção de práticas culturais que resistem ao apagamento e fortalecem a memória coletiva.

3.5 MARABAIXO COMO INTERVENÇÃO PSICOSSOCIAL E ANTIRRACISTA

O Marabaixo ultrapassa o registro cultural, configurando-se como um dispositivo psicossocial comunitário. Suas práticas articulam música, movimento, espiritualidade e coletividade, favorecendo o fortalecimento identitário e emocional, em consonância com pesquisas que reconhecem rituais culturais como sistemas de cuidado e resiliência coletiva (Kirmayer, 2014; Kleinman, 2012; Mbembe, 2018). Esses elementos ritualísticos — ritmo, canto, circularidade, corporeidade — funcionam como mediadores de afeto, pertencimento e elaboração simbólica do sofrimento, aproximando o Marabaixo das concepções de saúde mental comunitária.

Figura 2- O corte o Mastro



Fonte: IPHAM (2024)

Para Nascimento e Oliveira (2019), participar do Marabaixo significa conectar-se à ancestralidade, reforçando autoestima e sentido de continuidade histórica. Da mesma forma, Gomes e Costa (2019) evidenciam que a tradição estimula autoconfiança, dignidade e orgulho racial, constituindo um potente recurso de enfrentamento ao racismo internalizado. Esses efeitos psicosociais dialogam com os argumentos de Fanon (2008), para quem a reconstrução da identidade negra depende da criação de espaços coletivos de afirmação simbólica capazes de contrapor o olhar desumanizante da colonialidade.

A dimensão coletiva do Marabaixo — suas redes de solidariedade, partilha emocional e produção de vínculos — aproxima-se dos princípios da Psicologia Comunitária, que compreende o cuidado como prática compartilhada e situada na vida cotidiana, e não restrita ao setting clínico (Santos & Fernandes, 2018; Jason, 2021). Nessa perspectiva, o Marabaixo opera como “comunidade terapêutica expandida”: um espaço no qual emoções são expressas, dores podem ser narradas e memórias são ressignificadas na presença de outros.

Videira (2020) define o Marabaixo como terapêutica coletiva, enfatizando que suas expressões ritualísticas — a roda, o tambor, o canto, o movimento circular dos pés — produzem acolhimento, alteridade e fortalecimento da resiliência comunitária. Esta concepção se aproxima da análise de Gordon (2020), para quem práticas culturais negras funcionam como “tecnologias da coletividade”, capazes de sustentar a vida mesmo sob estruturas opressivas.

O caráter antirracista do Marabaixo emerge não apenas de seus conteúdos simbólicos, mas de sua própria existência histórica. Em um país que se estruturou pelo apagamento da memória negra, preservar, atualizar e expandir tradições afro-amapaenses é, em si, ato político de resistência. Como argumenta Kilomba (2019), toda prática cultural negra que persiste apesar da violência colonial constitui gesto de insurgência, pois afirma humanidade, dignidade e agência de sujeitos historicamente desumanizados.



Figura 3- Roda de Marabaixo na frente da Cidade de Macapá



Fonte: IPHAM (2024)

Além disso, autores como Gilroy (2001) e Hall (2003) reforçam que tradições da diáspora africana operam como campos de reinvenção identitária, construindo sentidos de pertença e fortalecendo subjetividades coletivas. O Marabaixo, enquanto expressão dessa diáspora, produz o que Sodré (2002) denomina “territórios existenciais afro-diaspóricos”: espaços simbólicos onde se constroem modos de viver, sentir e resistir.

Do ponto de vista da saúde mental, as práticas do Marabaixo oferecem alternativas substantivas às abordagens psicoterapêuticas centradas exclusivamente no indivíduo. Ao privilegiar a circularidade, o canto responsorial, a dança coletiva e a partilha afetiva, o Marabaixo ativa o que Gonzalez (2020) denomina “epistemologias do corpo negro” — modos de conhecer e produzir cuidado que integram espiritualidade, ancestralidade, memória e resistência. Essas epistemologias compreendem o corpo não como unidade isolada, mas como território político e histórico, constituído na relação com a comunidade, com a terra e com os ancestrais.

Essa perspectiva dialoga diretamente com Fanon (2008), que argumenta que o processo de cura do sujeito negro só se torna possível quando ocorre a reinscrição de sua existência em uma narrativa coletiva de dignidade, rompendo com o olhar patologizante da colonialidade. No Marabaixo, essa reinscrição ocorre por meio do ritmo, do canto e da roda, nos quais o corpo recupera agência, sentido e pertencimento.

Ao mesmo tempo, a tradição mobiliza aquilo que Mbembe (2018) descreve como “políticas da vitalidade” — formas de produzir vida e humanidade apesar da violência estrutural. O Marabaixo, enquanto ritual público e comunitário, produz uma zona de suspensão dos dispositivos coloniais de silenciamento, criando um espaço de afirmação ontológica. Ali, o corpo negro dança não apesar da dor, mas *com* a dor, transformando-a em criação simbólica e vínculo comunitário.



Esse caráter coletivo do Marabaixo reforça aquilo que Collins (2019) denomina “práxis de resistência negra”, em que espiritualidade, afeto e solidariedade funcionam como estratégias sociopolíticas de autopreservação e transformação. Diferentemente de modelos clínicos individualizantes, a cura aqui emerge do encontro, do compartilhamento e do reconhecimento mútuo — princípios centrais da Psicologia Comunitária, conforme defendem autores como Prilleltensky (2021) e Jason (2021).

Além disso, as práticas do Marabaixo rompem com o paradigma biomédico eurocêntrico ao afirmar formas de cuidado que foram historicamente deslegitimadas pela colonialidade. Como argumenta Sodré (2002), a musicalidade afro-brasileira constitui uma tecnologia existencial, capaz de produzir modos de presença, vínculo e resistência. No Marabaixo, essa tecnologia se expressa no tambor, nos pés arrastados e nas ladinhas, que funcionam simultaneamente como memória coletiva e método de elaboração afetiva.

Ao transformar sofrimento em criação, o Marabaixo realiza aquilo que Hooks (1994) chama de “cura pela coletividade”, reinventando possibilidades de alegria, resistência e pertencimento. Trata-se de uma prática que reconhece que a saúde mental não pode ser dissociada da história, da política e da estrutura racial que atravessam a vida das pessoas negras.

Assim, o cerne deste artigo evidencia que o Marabaixo não é apenas uma manifestação cultural, mas uma verdadeira intervenção psicossocial antirracista, ancorada em epistemologias negras e operada por meio da coletividade. Como tal, produz cuidado, fortalece identidades, combate o racismo e atua como tecnologia comunitária de saúde mental.

Compreender o Marabaixo como intervenção psicossocial e antirracista implica reconhecê-lo como um complexo sistema cultural de produção de saúde, subjetividade e resistência. A tradição articula dimensões estéticas, afetivas, espirituais e políticas que permitem enfrentar, ressignificar e transformar os impactos do racismo estrutural — não apenas no nível individual, mas sobretudo no coletivo, onde se produzem vínculos, pertencimento e continuidade histórica.

3.6 LACUNAS E PERSPECTIVAS PARA PESQUISAS FUTURAS

Apesar dos avanços, ainda são limitados os estudos que examinam o Marabaixo como prática de promoção da saúde mental. Simonian, Silva e Nunes Filho (2022) evidenciam a necessidade de pesquisas que articulem impactos emocionais, vínculos comunitários e dimensões identitárias da tradição.

Investigações longitudinais poderiam analisar efeitos do Marabaixo em diferentes gerações, especialmente entre jovens que vivenciam situações de discriminação racial. Estudos comparativos também seriam valiosos para compreender como práticas culturais fortalecem resiliência coletiva.



Ademais, é urgente que políticas públicas de saúde e educação reconheçam o Marabaixo como estratégia legítima de cuidado comunitário, alinhada à Psicologia Comunitária e à promoção de saúde mental antirracista. Como afirma Munanga (2014), não há equidade racial sem valorização plena da cultura negra.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou compreender o Marabaixo como uma prática cultural afro-amapaense dotada de potência psicossocial, política e identitária, situando-o no horizonte da Psicologia Comunitária e da promoção da saúde mental antirracista. Ao longo da revisão narrativa realizada, foi possível evidenciar que o racismo atua como determinante social central da saúde mental das populações negras, influenciando trajetórias de vida desde a infância e configurando um conjunto de experiências de sofrimento que perpassam corpo, subjetividade e vínculos comunitários.

Nesse cenário, práticas culturais negras adquirem relevância não apenas como expressões artísticas ou religiosas, mas como estratégias coletivas de resistência, dispositivos de produção de sentido e tecnologias de cuidado construídas historicamente por comunidades afrodescendentes. A literatura analisada permite afirmar que a cultura negra — por meio da ancestralidade, da espiritualidade, da musicalidade e da organização comunitária — constitui um campo privilegiado de elaboração simbólica do sofrimento e de fortalecimento identitário frente às estruturas de opressão.

A análise realizada demonstra que o Marabaixo, no contexto amapaense, materializa de forma exemplar esses processos. Ao articular canto, dança, ladainha, tambor e narrativas de ancestralidade, a tradição organiza experiências coletivas de pertencimento, atualiza memórias negras e transformador e violência histórica em afirmação identitária. Trata-se de um espaço de sociabilidade e cuidado que favorece a autoestima, reforça vínculos afetivos, amplia o senso de dignidade e fortalece a resistência ao racismo. Esses elementos o qualificam como dispositivo psicossocial comunitário, alinhado aos princípios da Psicologia Comunitária e à crítica antirracista.

A tradição também destaca o protagonismo das mulheres negras — especialmente das caixearas — que preservam, orientam e transmitem saberes ancestrais, reafirmando sua centralidade na sustentação das redes comunitárias e na continuidade histórica do Marabaixo. Tal protagonismo revela que qualquer política ou intervenção que busque reconhecer o valor terapêutico do Marabaixo deve, necessariamente, integrar uma perspectiva interseccional que considere raça, gênero e território.

Ao avaliar as lacunas da produção científica, observa-se que, embora existam estudos relevantes sobre a história, simbolismo e territorialidade do Marabaixo, são ainda incipientes as pesquisas que investigam sistematicamente seus efeitos na saúde mental. Esse vazio teórico reforça a necessidade de investigações que dialoguem com metodologias participativas, pesquisas etnográficas de longo prazo, estudos de recepção cultural e análises que contemplam diferentes gerações,



especialmente crianças e jovens negros, para compreender como a tradição contribui para a construção de resiliência comunitária em contextos marcados pelo racismo.

Diante dos achados desta revisão, defende-se que o Marabaixo deve ser reconhecido e valorizado como prática legítima de promoção da saúde mental, considerando sua capacidade de produzir acolhimento, identidade positiva, coesão comunitária e resistência antirracista. Para tanto, torna-se urgente que políticas públicas — especialmente nas áreas de saúde, educação e cultura — incorporem de maneira estrutural e não apenas folclorizada os saberes produzidos pelas comunidades negras amapaenses.

Como desdobramentos práticos, aponta-se:

- ✓ a necessidade de programas de saúde mental que incluam o Marabaixo como ferramenta comunitária de cuidado, em diálogo com práticas tradicionais e com a Psicologia Comunitária;
- ✓ a formação de profissionais de saúde e educação para atuação culturalmente sensível, com competências para reconhecer o valor terapêutico das expressões culturais negras;
- ✓ o fortalecimento das políticas culturais que valorizem o protagonismo feminino no Marabaixo e assegurem a continuidade da tradição;
- ✓ o incentivo à pesquisa interdisciplinar sobre cultura, saúde mental e racialidade, com foco no contexto amazônico e amapaense.

Em síntese, o estudo evidencia que o Marabaixo transcende sua dimensão cultural e festiva: ele se constitui como lugar de cura, resistência e reconstrução da vida coletiva, oferecendo às comunidades afrodescendentes do Amapá um repertório de enfrentamento ao racismo e de promoção de saúde mental que emerge de sua própria história e ancestralidade. Reafirmar o Marabaixo como prática psicossocial é reiterar que a cultura negra não é acessório da vida social, mas fundamento ético, político, social e afetivo para a construção de sociedades mais justas, equitativas e solidárias.



REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, L. S. Práticas culturais e saúde mental: impactos psicossociais de manifestações afro-brasileiras. *Revista Saúde & Cultura*, v. 5, n. 2, p. 45–58, 2020.
- ALMEIDA, J. R.; SANTOS, M. C. Marabaixo: dança da resistência e identidade afro-amapaense. *Revista de Estudos Culturais*, v. 12, n. 2, p. 55-72, 2018.
- AMAPÁ. Governo do Estado. Relatório de Saúde Mental da Juventude Amapaense. Macapá: GEA, 2023. [Informação genérica citada no texto].
- BAUMEISTER, R. F.; LEARY, M. R. Writing narrative literature reviews. *Review of General Psychology*, v. 1, n. 3, p. 311–320, 1997.
- BEZERRA, M. A.; SILVA, J. M. Racismo, desigualdade e saúde mental no Brasil. *Revista Saúde e Sociedade*, v. 23, n. 3, p. 743–757, 2014.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Relatório de Equipamentos da RAPS no Brasil. Brasília: MS, 2024.
- CAMPBELL, C.; JOVCHELOVITCH, S. Health, community and development: towards a social psychology of participation. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, v. 10, n. 4, p. 255–270, 2000.
- CARDOSO, A. L.; SILVA, P. F. Rituais de resistência cultural no Amapá: o Marabaixo como memória coletiva. *Revista Brasileira de História e Cultura*, v. 15, n. 3, p. 201-219, 2020.
- COLLINS, Patricia Hill. *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment*. 3. ed. New York: Routledge, 2019.
- EAGLETON, Terry. *The Idea of Culture*. Oxford: Blackwell, 2000.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FERREIRA, M. O.; ALMEIDA, L. S. Práticas culturais negras e saúde mental: resistência e cuidado nas comunidades afro-brasileiras. *Revista Psicologia & Sociedade*, v. 32, n. 4, p. 1-12, 2020.
- FORD, C.; AIRHIHENBUWA, C. Critical race theory, race equity, and public health. *Ethnicity & Disease*, v. 20, n. 3, p. 1–8, 2010.
- FREITAS, Neliâne Alves de. “É uma questão de pele, é uma questão de cor, Curiaú mostra tua cara!”: A identidade cultural e institucional da Escola Quilombola Estadual José Bonifácio. Macapá: UNIFAP, 2023. Dissertação (Mestrado em Educação).
- GEE, G. C. et al. A life course perspective on racism: developmental implications for the study of racial inequities in health. *American Journal of Public Health*, v. 102, n. 5, p. 966–974, 2012.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1973.
- GILROY, Paul. *The Black Atlantic: Modernity and Double Consciousness*. London: Verso, 2001.
- GOMES, Nilma Lino. *Educação, identidade negra e políticas de reconhecimento*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.



GOMES, R. F.; COSTA, L. M. Cultura e subjetividade: o papel do Marabaixo na saúde mental de comunidades negras. *Psicologia e Sociedade*, v. 31, n. 1, p. 44–58, 2019.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GORDON, Lewis. *Filosofia da libertação negra*. São Paulo: Perspectiva, 2020.

GOUVEIA, M.; ZANELLO, V. M. L. Saúde mental e racismo contra negros: produção bibliográfica brasileira dos últimos quinze anos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 38, n. 3, p. 450-464, 2018.

GREEN, B. N.; JOHNSON, C.; ADAMS, A. Writing narrative literature reviews for peer-reviewed journals. *Journal of Chiropractic Medicine*, v. 5, p. 101–117, 2006.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HARVEY, L.; MASUD, H. Community and historical trauma: collective healing and social transformation. *Journal of Community Psychology*, v. 47, n. 6, p. 1238–1252, 2019.

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

(Original: *Teaching to Transgress*, 1994.)

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. Livro de Registro das Celebrações: reconhecimento do Marabaixo como Patrimônio Cultural do Brasil. Brasília: IPHAN, 2018.

JASON, Leonard. Principles of Social Psychology in Community Interventions. *American Journal of Community Psychology*, v. 64, n. 1–2, p. 60–72, 2019.

JASON, Leonard. *The Essential Handbook of Community Psychology*. New York: Wiley, 2021.

JONES, C. Levels of racism: a theoretic framework. *American Journal of Public Health*, v. 90, n. 8, p. 1212–1215, 2000.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. São Paulo: Cobogó, 2019.

KIRMAYER, L. J. Culture and psychotherapy in a globalizing world. *Transcultural Psychiatry*, v. 51, n. 3, p. 299–318, 2014.

KLEINMAN, A. *Culture and Depression: Studies in the Anthropology and Cross-Cultural Psychiatry*. Berkeley: University of California Press, 2012.

KRIEGER, Nancy. Discrimination and health inequities. *Social Epidemiology*, v. 14, n. 2, p. 643–658, 2014.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

MELO, E.; SILVA, E. Racismo, desigualdades estruturais e saúde mental. *Revista Psicologia Política*, v. 15, n. 33, p. 101–120, 2015.



- MONTERO, Maritza. *Introducción a la psicología comunitaria*. Buenos Aires: Paidós, 2006.
- MUNANGA, Kabengele. *Redisputando a mestiçagem no Brasil*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- MUNANGA, Kabengele. Prefácio. In: CARONE, I.; BENTO, M. A. S. (Org.). *Psicologia social do racismo*. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 9–11.
- NASCIMENTO, V. L.; OLIVEIRA, C. R. Marabaixo e memória coletiva: tradição e identidade afrodescendente no Amapá. *Psicologia & Sociedade*, v. 31, n. 4, p. 91–106, 2019.
- NELSON, G.; PRILLELTENSKY, I. *Community Psychology: In Pursuit of Liberation and Well-Being*. 2. ed. London: Palgrave, 2021.
- OMS – Organização Mundial da Saúde. *Depression and Other Common Mental Disorders: Global Health Estimates*. Geneva: WHO, 2017.
- PARADIES, Y. et al. Racism as a determinant of health: a systematic review. *PLOS ONE*, v. 10, n. 9, p. 1–48, 2015.
- PIZA, E. A construção social do embranquecimento e seus impactos subjetivos. *Cadernos de Psicologia Social*, v. 16, n. 2, p. 77–89, 2014.
- PRIEST, N. et al. Racial discrimination and child health. *American Journal of Public Health*, v. 103, n. 10, p. 1872–1879, 2013.
- PRILLELTENSKY, Isaac. Wellness and fairness: two foundations of community psychology. *American Journal of Community Psychology*, v. 67, n. 1–2, p. 1–14, 2020.
- PRILLELTENSKY, Isaac. *The Laughing Guide to Well-Being*. New York: Rowman & Littlefield, 2021.
- RAPPAPORT, J. Terms of empowerment/exemplars of prevention: toward a theory for community psychology. *American Journal of Community Psychology*, v. 15, n. 2, p. 121–148, 1987.
- REICH, Stephanie M. *Community Psychology and Community Development*. New York: Routledge, 2022.
- RIBEIRO, A. P.; SOUZA, M. G. Caixearas do Marabaixo: gênero, cultura e resistência. *Feminismos*, v. 8, n. 1, p. 88–102, 2020.
- ROTHER, E. T. Revisão narrativa: importância e metodologia. *Revista Acta Paulista de Enfermagem*, v. 20, n. 2, p. 5–6, 2007.
- SANTOS, J. P.; FERNANDES, R. M. Redes de solidariedade e práticas culturais negras na Amazônia. *Cadernos de Psicologia Comunitária*, v. 22, n. 2, p. 135–150, 2018.
- SANTOS, A.; PEREIRA, R. Cultura negra e identidade. *Revista Estudos Afro-Brasileiros*, v. 4, n. 1, p. 11–29, 2019.
- SILVA, A. C. R.; ARAÚJO, C. O. Práticas culturais e saúde mental: estudo etnográfico. *Revista Brasileira de Psicologia*, v. 77, n. 1, p. 45–70, 2021.



SIMONIAN, L. T. L.; SILVA, A. C. R.; NUNES FILHO, E. P. Resiliência cultural citadina em Macapá: a trajetória e a territorialidade do Marabaixo. *Revista Tempo Amazônico*, v. 11, n. 1, p. 76–103, 2022.

SODRÉ, Muniz. *O terreiro e a cidade*. Petrópolis: Vozes, 2002.

TARTAGLIA, Edna. *O Ciclo do Marabaixo macapaense: discursos, lutas e representações*. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 19, n. 1, p. 233–250, 2018.

TARTAGLIA, Ednaldo. *Os sujeitos do Ciclo do Marabaixo e a Igreja Católica*. São Carlos: Pedro & João Editores; UNIFAP, 2021.

VIDEIRA, Piedade Lino. *Batuques, folias e ladinhas: a cultura do Quilombo do Cria-ú*. Fortaleza: UFC, 2013.

VIDEIRA, Piedade Lino. *Marabaixo, dança afrodescendente: significando a identidade étnica do negro amapaense*. 2. ed. Curitiba: Brazil Publishing, 2020.

WILLIAMS, D.; MOHAMMED, S. *Racism and health I: pathways and scientific evidence*. *American Behavioral Scientist*, v. 57, n. 8, p. 1152–1173, 2010.

YOSSO, T. *Whose culture has capital? A critical race theory discussion*. *Race Ethnicity and Education*, v. 8, n. 1, p. 69–91, 2005.

